

Da qualidade do olhar

Opinião



Margarida Calafate Ribeiro e Roberto Vecchi

A relação da Cátedra “Eduardo Lourenço” da Universidade de Bolonha/Camões IP com o seu titular, desde a sua inauguração em 2007, é riquíssima, cheia de memórias. Poderia ser reconstruída com vários fios. Talvez um dos mais marcantes se situe num outro hospital, em Lisboa, em 2013, quando o Professor nos recebeu pouco antes do falecimento da sua mulher, Annie, internada e próxima do fim. Foi assim, em circunstâncias alheias a qualquer academismo de gabinete, que encerramos, com mais uma conversa generosa, a preparação do volume de Eduardo Lourenço, *Do Colonialismo como Nosso Impensado* que sairia pela Gradiva, em 2014. Com um sorriso irónico e um pouco maroto, chamaria a este livro o “meu primeiro póstumo”.

Muitas conversas, muitas lições, muita sabedoria, ministradas com uma humildade que podia parecer ingénua, nas circunstâncias mais singulares. Termos conversado, jantado e rido em Bolonha, termos podido aceder ao acervo de Eduardo Lourenço, zelado pela dedicação de João Nuno Alçada, antes na Torre do Tombo, depois na Biblioteca Nacional; termos passado sempre que possível, nas nossas passagens por Lisboa, na sua sala na Gulbenkian, no meio caótico de livros e jornais, todo o tempo possível em contacto com o saber modesto e infinito de Eduardo Lourenço, foram privilégios raros.

Hoje, quando a memória se torna comemoração, é impossível apagar os momentos, oficiais e informais, em que o Professor manifestava sempre um afecto intelectual surpreendente pelos nossos projectos, pela nossa actividade de investigadores um pouco excêntricos, inclusive geograficamente, como ele se deve ter sentido noutras circunstâncias.

Pudemos apreciar a generosidade inesgotável de quem nunca recusa um convite, qualquer que seja a origem, qualquer que seja o contexto, só pelo prazer de um saber que é antes de tudo encontro, relação, procura de entendimento, do outro, do externo, do desconhecido. É esta abertura, este valor literalmente político que agora, no dia da dor, sentimos que



Exercício de um saber aberto que coincide com o exercício pleno e maduro da cidadania

nos doou, desde aquela aula na Alma Mater, em Bolonha, quando recebeu o doutoramento *honoris causa* e proferiu uma aula magistral sobre Portugal e a Europa, onde se entendia bem um núcleo profundo do seu pensamento: é pela fragilidade que Portugal permite entender melhor a Europa, assim como as debilidades continentais europeias ajudam a compreender melhor as dobras densas da complexidade portuguesa. Ao longo dos anos tem sido o legado deste pensamento, desarmante e desprovido de qualquer veleidade pública, que tentamos transmitir aos alunos de Bolonha. Aqueles que nos disseram hoje “parece que faleceu alguém de família”.

O património crítico é imenso: das questões do colonialismo português em África que precocemente viu, primeiro no Brasil, logo em 1958, e depois em França, que literalmente via a explodir-se na Argélia – na sua democracia, nos seus valores, na sua aura – Eduardo Lourenço conseguiu antever e pensar, muito antes de todos e fora de estruturas disciplinares, mas com acutilante lucidez, o grande e esfingico dilema da Europa e de Portugal que estas guerras inconfessadas e, um pouco mais tarde, inconfessáveis, encerravam. Do continente captou sempre a diversidade como potência e limite, desde a leitura renovada dos clássicos e dos anticanónicos na literatura à redefinição da ideia de comunidade

a partir da reflexão sobre a língua portuguesa: no âmago sempre uma curiosidade infindável pelo novo, pelo desconhecido, pelo impensado. E o prazer profundo em aproximar-se de algo de despossuído.

Se quisermos encontrar uma síntese de qualidades que são acima de tudo humanas, podemos dizer que o que caracteriza Eduardo Lourenço é uma qualidade do olhar. Um olhar tímido e decidido, que com uma coragem inesperada aborda temas de uma complexidade imensa. E mostra que o saber não é erudição ou força, mas capacidade suave de aprender e compreender, nas perguntas necessárias e na incerteza das respostas, o humano. Uma qualidade de olhar que se combina com uma qualidade de voz, que felizmente pela escrita se cristalizou. Essa é a herança que nos deixa para sempre. Os espaços em Eduardo Lourenço são questões: Portugal, Europa, África, Brasil, interrogam a consciência crítica, constroem um pensamento inexaurível e democrático que pelas palavras tenta decifrar o que ainda não é visível. As pessoas e os escritores são interpelações: Antero, Pessoa, Camões, Torga, Sophia, Augustina e tantos outros para além do grande enigma, Salazar. Neste questionamento sem fim está a herança mais preciosa que deixa à nossa cátedra e a todos nós: o exercício de um saber aberto e sem entraves que coincide com o exercício pleno e maduro da cidadania, um espírito que procura sempre no mundo, como na arte e na literatura, a justiça e a justeza das coisas, a vida em democracia. Uma lição hoje mais do que necessária. Com a nossa gratidão infinita, *requiescat in pace*, Professor.

Margarida Calafate Ribeiro, CES, Universidade de Coimbra.
Roberto Vecchi, Universidade Bolonha/Cátedra Eduardo Lourenço, Universidade Bolonha/Camões IP